



17º. Domingo depois de Pentecostes (26/09/04)

Próprio 21

1ª leitura (Antigo Testamento) – Amós 6.1-7

Amós é o primeiro profeta que usa antiga concepção da guerra de Javé contra as nações, o Dia do Senhor com novo sentido voltado para o seu povo.

Temos aqui advertências severas contra a elite de Israel, que, na sua falsa segurança baseada nas riquezas injustas, mostra a insensibilidade desumana para com as necessidades dos empobrecidos e por isso demonstra a incapacidade de ouvir palavras proféticas (ver cap.3-4).

Vs.1ss. – A lamentação é dirigida à elite residente em Samaria. Calné é uma cidade Síria incorporada à Assíria. Em outras palavras, é um aviso de que essa invasão recente e o mesmo destino horrível está iminente para Israel. Hamate é um local de água termal, na costa ocidental do Mar de Galileia, onde há riqueza. Gate é um dos cinco centros principais dos filisteus. Bem ou mal, é nas cidades que as coisas acontecem. E esses centros estão diante da boca do predador feroz.

Conforme a descrição a partir do versículo 4, essa elite goza de tudo quanto a urbanização pode lhes proporcionar e está embriagada com a luxúria extravagante que pode deliciar. Aparentemente, Amós parece ter preferência por uma vida ascética e não tem apreciação pelo lazer, música e arte. A questão parece focalizar a luxúria que adormece a compaixão e o senso da justiça. Também, é comum citar Amós como quem substituiu a liturgia pela ação social ou fizesse distinção entre a liturgia como ato externo e formal e adoração espiritual. No entanto, essa colocação obscurece o argumento de Amós. O que está em jogo é a quem se presta adoração. É ao Deus de Israel conhecido na libertação de Israel, que ama a justiça e misericórdia e se coloca ao lado dos oprimidos ou ao deus que legitima a ordem injusta existente? Se a liturgia for reduzida ao “entretenimento” com toda a sofisticação cultural, então, Amós tem muito a dizer.

A luxúria é sustentada pela exploração da mão de obra de gente endividada, porque perdeu a terra. (Ver 2.6 e 8.6).

Os que vivem tranquilos e seguros, eufóricos com a falsa segurança sabiam que a expansão assíria subjugou as cidades importantes mencionadas acima. Daí o sentido da pergunta do profeta. Essa elite excluiu de suas considerações as conseqüências desastrosas desse caminho. E defendiam suas vantagens com a violência.

Sobre a atualidade de Amós: onde persiste a desigualdade gritante nas rendas, onde a justiça é mais para quem tem recursos, onde a sociedade é insensível para com os direitos humanos, Amós tem muito a dizer. (ST)

2ª leitura (Epístola) – I Timóteo 6.11-19

Tenho observado com o passar dos anos que os jovens e adolescentes não gostam muito, ou têm pouca paciência para ouvir as pessoas mais velhas. Eles fazem



de tudo para “escapar” de uma conversa com seus avós ou com aqueles que já envelheceram. Por que isso é assim? Não sabem eles quantas experiências estão perdendo e quanta sabedoria estão deixando de adquirir.

No texto da Epístola de hoje, temos um destes textos que nos parecem como uma carta bastante pessoal de um professor para seu mais dedicado discípulo. Nesta carta, cheia de orientações preciosas, o “pai na fé” procura ensinar “o caminho das pedras” para seu jovem discípulo. Ao ser colocada no fim da epístola, esta carta parece tomar as feições de uma memorável despedida. Pensando nessa realidade, gostaríamos de meditar hoje sobre o seguinte tema: **sugestões a um jovem discípulo.**

A primeira sugestão ao jovem discípulo é para que ele organize uma estratégia de batalha. (v. 11, 12). Usando uma linguagem bem própria daqueles que são próximos o suficiente para se envolverem na vida privada dos amigos, Paulo apresenta uma série de sugestões para o seu jovem discípulo que mais se aproximam de uma estratégia de competição. Esta estratégia de guerra se funda em algumas ordens bem claras: fuge, combate, toma posse. Estas três ordens são importantes porque formam um elo completo. A primeira delas é “fuge”. Estranho ensinar um jovem a fugir. Aparentemente os jovens estão sempre prontos a enfrentar os inimigos, ou adversários, de frente, “olhando nos olhos”. Mas, para sermos sábios, é preciso que saibamos que às vezes precisamos saber dar um passo atrás a fim de dar dois passos à frente. Paulo está falando que seu discípulo, como homem de Deus, deve fugir daquilo que foi mencionado no fim do capítulo 5, ou seja, contendas, mentiras, busca do lucro, amor ao dinheiro, cobiça, etc. o “tu, porém” de Paulo foi bastante enfático e envolve a todos que desejam ser verdadeiros discípulos.

A segunda ordem é “combate!”. “Combate o bom combate da fé!”. Esta frase invoca uma metáfora retirada dos esportes. Uma outra tradução possível seria: “desempenha tua parte na nobre competição da fé”. Paulo está chamando seu discípulo para “o combate da fé”. Mas o que significa isso? Há quem diga que esta é a luta que a fé verdadeira empreende contra o erro. Há, o mais provável, quem diga que esta luta é a luta diária e pessoal contra o mal, para a qual todo cristão é convocado. A última ordem é “toma posse”. Enquanto o verbo “combate” é um imperativo que está no presente, o que indica uma luta constante e contínua, “toma posse”, é um imperativo no aoristo, o que parece indicar que como cristãos já temos acesso a uma certa medida de nosso prêmio, a vida eterna.

A segunda sugestão ao jovem discípulo é para que ele persevere em guardar seu mandato. (v. 13, 14). Este texto parece cheio de emoção e de seriedade. Nele Paulo parece iniciar fazendo menção ao batismo de Timóteo, ou seja, à “boa confissão perante muitas testemunhas” (12b), para depois fazer referência à “boa confissão” que Cristo fez diante de Pilatos, para exortar seu discípulo a que mantenha o chamado que recebeu de Deus. Segundo J. Kelly, “Timóteo é exortado, perante Deus, seu Criador, que também lhe dá a vida eterna, e perante Cristo Jesus, que morreu por ele, a ser leal à sua comissão”. Embora esta missão possa envolver perigo de vida, Timóteo deve sempre lembrar de dois fatos: primeiro de que Deus é aquele que preserva a vida de todas as coisas, ou seja, de que todos nós estamos nas mãos de



Deus; e segundo, que o próprio Cristo teve que levar até as últimas conseqüências seu discurso e sua pregação. A lição que Paulo está querendo ensinar ao seu discípulo é clara: uma vez que ele se identificou com Cristo pela fé, ao ser batizado, e que o próprio Cristo tinha encenado a mesma confissão em atos – quando morreu e ressuscitou – o discípulo deve exibir a mesma coragem e perseverança que seu mestre.

A terceira sugestão ao jovem discípulo é para que ele não tire a esperança da mente (v. 15, 16). É comum, aos jovens que se decepcionam com alguma coisa, perder definitivamente a esperança. Esta decepção acaba fazendo que o jovem entre em depressão e abandone os projetos originais. Paulo sabia que guardar o mandato, tendo como exemplo o próprio Cristo, não era uma tarefa fácil para qualquer pessoa, muito menos para um jovem discípulo. Por isso que, ao encerrar suas série de sugestões a este jovem discípulo Paulo faz questão de lembrá-lo de que não se esqueça de guardar a esperança na mente. Esta esperança está associada à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo, crença fundamental da fé cristã e elemento determinante para a manutenção da fé em um futuro. Este dia da aparição se daria no "tempo estabelecido", e não quando nós mesmos estabelecemos, e revelaria aquele que é descrito como "Rei", "Senhor", o "eterno", "invisível", o que é digno de hora e poder eterno. Todas estas palavras usadas por Paulo nesta doxologia apenas nos dão uma vaga idéia da grandeza de Deus. Nossa esperança, portanto, não está fundada em um projeto humano, em uma visão política, em uma concepção finalista, ou em um devaneio ideológico. Nada, nem ninguém pode assumir os contornos de absolutidade que Paulo atribui, neste texto, apenas a Deus.

Para concluir, é possível que as pessoas, envolvidas nos afazeres de nossa sociedade acabem por hipervalorizar o supérfluo em detrimento do essencial. Ao fazer isso, eles acabam "elegendo" seus próprios "deuses", ou seja, aqueles nos quais depositarão sua confiança. No encerramento desta carta, Paulo faz questão de admoestar os ricos para que evitem colocar suas esperanças na incerteza que o dinheiro pode trazer. (v. 17) Nossa esperança está em Deus, que a todos dá liberalmente aquilo que é necessário para nossa vida, e que nos prepara um tesouro ainda maior do que aquele que o dinheiro não pode comprar. Quem tem esta esperança, não apenas persevera no seu chamado, mas luta o bom combate da fé, olhando para Jesus, seu autor e consumidor. (JLFA).

Santo Evangelho – Lucas 16.19-31

A presente parábola está dentro de uma unidade literária, que compreende o capítulo 16, onde o tema orientador é o uso das riquezas como, por exemplo, da parábola do mordomo e dos dizeres: não podem servir a Deus e ao dinheiro e a controvérsia de Jesus com os fariseus que gostavam de dinheiro. Trata-se de uma estória de um rico e de pobre Lázaro. A estória é apresentada em três atos. (1) duas personagens contrastantes aparecem no cenário.



O contraste entre eles é grande e impressionante: vestes caras e festas diárias, de um lado, e, de outro, úlcera e dependência humilhante. Ele come daquilo que é dado aos animais e esses animais considerados odiosos lhe fazem companhia. A cotação dos cães no Antigo Testamento pode ser percebida nos seguintes dizeres: "Como um cão que volta ao seu vômito, tal é o insensato que repete sua asneira". (Pv 26.11; ver, também Sl 22.17-21; Mt 7.6 – "não deis aos cães o que é sagrado...")

Nesta altura do andamento da estória é possível que o auditório pensasse que a riqueza do rico fosse um sinal da bênção de Deus e as condições humilhantes do pobre fossem maldição.

Mas os dois morreram. E aqui vem sinais de inversão. No início o rico foi apresentado primeiro, conforme a expectativa convencional. Agora, a morte de Lázaro vem primeiro. Enquanto ele é transladado ao seio de Abraão, o rico morre e é sepultado. Lázaro está no lugar de honra - o seio de Abraão. E o rico morreu e foi sepultado. Houve, assim, uma reviravolta. O rico foi colocado em baixo. Ele olha para o Lázaro em cima. Então, houve começo de uma nova percepção. Ele não está mais em cima como estava acostumado a olhar de cima para baixo.

Vs.23ss. Nessa nova situação o rico clama para Abraão. E o auditório se assusta com o inesperado. Abraão lembra o rico de sua insensibilidade diante da miséria do Lázaro e a consequência disso. Em outras palavras, o rico não deu conta dos bens diante de Deus. A parábola é uma advertência aos gananciosos.

Há aqui um contraste entre as festas do rico e a festa de Jesus para a vida. A separação entre uma e outra é que a festa do rico não podia incluir o Lázaro por causa do seu apego ao dinheiro, por isso, exclui as riquezas da vida. (É bom ver Fp 2, onde Jesus Cristo não se apegou a ser Deus e se esvaziou a si mesmo tomando a forma de servo...e 2Co 8.9).

Há aqui uma chamada para compartilhar a vida e essa chamada vem na forma de Lázaro. Aqui vemos a semelhança com Mateus 25 onde o Cristo é reconhecido nos necessitados.

Ouvir a Deus e ao seu Evangelho em Jesus Cristo não é acreditar numa estória maravilhosa como a ressurreição de alguém como Lázaro. Ouvir a Deus é ouvir a Sua palavra em Moisés e Profetas, que resulta na comunhão, na vida em que o outro, principalmente, os indefesos tenham respeito e prioridade. O Ressuscitado interpreta Moisés e os profetas no caminho de Emaús. Assim, as três leituras de hoje convergem nesse ouvir. (ST)